

STEPHEN GREENBLATT

Ascensão e queda de Adão e Eva

Tradução
Donaldson M. Garschagen



LÄPSVS HUMA
NI GENERIS :



Copyright © 2017 by Stephen Greenblatt

Publicado mediante acordo com o autor através da Baror International, Inc., Armonk, Nova York, EUA.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

The Rise and Fall of Adam and Eve

Capa

Victor Burton

Foto de capa

Album/ Fotoarena

Preparação

Alexandre Boide

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Ana Maria Barbosa

Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Greenblatt, Stephen

Ascensão e queda de Adão e Eva / Stephen Greenblatt ;
tradução Donaldson M. Garschagen — 1^a ed. — São Paulo : Com-
panhia das Letras, 2018.

Titulo original : The Rise and Fall of Adam and Eve.

Bibliografia

ISBN 978-85-359-3080-1

1. Adão (personagem bíblico) 2. Antropologia 3. Éden 4. Eva
(personagem bíblico) 5. Queda do homem 1. Título.

18-12741

CDD-233.14

Índice para catálogo sistemático:

1. Pecado original : Origem do mal : Doutrina cristã 233.14

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Para Eden e Isaiah

Sumário

Prólogo — Na sinagoga	9
1. Ossos isolados	13
2. Junto aos rios da Babilônia	28
3. Tábulas de argila	44
4. A vida de Adão e Eva	66
5. Na casa de banho	80
6. Liberdade original, pecado original	95
7. O homicídio de Eva	114
8. Personificações	131
9. A castidade e seus descontentes	152
10. A política do Paraíso	175
11. A construção da realidade	188
12. Homens pré-adâmicos	211
13. A queda de Adão e Eva	227
14. As dúvidas de Darwin	243
Epílogo — Na floresta do Éden	257

<i>Apêndice 1: Uma amostragem de interpretações</i>	273
<i>Apêndice 2: Uma amostragem de histórias de origem</i>	281
<i>Agradecimentos</i>	288
<i>Notas</i>	293
<i>Bibliografia selecionada</i>	329
<i>Créditos das imagens</i>	353
<i>Índice remissivo</i>	357

Prólogo

Na sinagoga

Quando eu era criança, meus pais me disseram que, durante a bênção que encerra o serviço do Shabat, todos devíamos curvar a cabeça e manter os olhos baixos até as palavras do rabino chegarem ao fim. Era da máxima importância proceder assim, diziam, pois naqueles momentos Deus passava sobre nossa cabeça, e quem visse Deus face a face morreria.

Fiquei remoendo essas palavras. Contemplar o Senhor face a face, eu pensava, deveria ser a experiência mais maravilhosa pela qual uma pessoa poderia passar. Nada do que eu pudesse ver ou fazer em todos os anos que tinha diante de mim sequer se aproximava daquela visão suprema. E tomei uma decisão de extrema relevância. Eu ergueria os olhos para ver Deus. Compreendia que o ato seria fatal, mas tinha certeza de que estava disposto a pagar o preço. Não me atrevi a falar de minha decisão com meus pais, pois sabia que eles se sentiriam angustiados e tentariam me dissuadir. Não disse nada nem a Marty, meu irmão mais velho, por medo de que ele revelasse meu segredo. Eu sabia que teria de agir sozinho.

Vários sábados se passaram antes que eu conseguisse reunir coragem. Por fim, porém, certa manhã, de pé e de cabeça baixa, venci o temor da morte. Devagar, bem devagar, enquanto o rabino proferia as bênçãos antigas, ergui os olhos. Não havia nada pairando sobre minha cabeça. E descobri que eu não

estava sozinho naquela atitude. Muitos fiéis olhavam ao redor, fitando as janelas ou até saudando amigos com gestos ou mesmo com palavras. Fiquei indignado: “O que me disseram era mentira”.

Muitos anos transcorreram desde aquele momento, e nunca recuperei a fé ingênua que me levou a sacrificar a vida em troca de uma visão de Deus. No entanto, alguma coisa vive em mim, além de ilusões perdidas. Durante toda a vida fascinaram-me as histórias que inventamos na tentativa de dar sentido a nossa existência, e vim a compreender que “mentira” é um termo de lastimável inadequação quando aplicado ao tema ou ao conteúdo dessas histórias, mesmo quando fantásticas.

A humanidade não pode viver sem histórias. Nós nos cercamos delas, as criamos ao dormir, as contamos a nossos filhos e pagamos a outras pessoas para que as contem. Há quem as invente para ganhar a vida. E outras pessoas (e eu sou uma delas) passam toda a idade adulta procurando entender sua beleza, seu poder e sua influência.

Este livro é a história de um dos contos mais extraordinários já criados. Deus criou Adão e Eva, o primeiro homem e a primeira mulher, e os pôs, nus e livres de vergonha, num jardim de delícias. Disse-lhes que poderiam comer o fruto de qualquer uma de suas árvores, com uma única exceção. Não poderiam comer da árvore da consciência do bem e do mal; no dia em que violassem essa única proibição, morreriam. Uma serpente, o mais ardiloso dos animais do campo, pôs-se a conversar com a mulher. Falou-lhe que desobedecer à ordem divina não os levaria à morte, mas que lhes abriria os olhos e os tornaria semelhantes aos deuses, conheedores do bem e do mal. Acreditando na serpente, Eva comeu o fruto proibido. Ofereceu-o a Adão, que também o comeu. Os olhos deles realmente se abriram: ao se darem conta de que estavam nus, juntaram folhas de figueira para se cobrir. O Senhor os chamou e perguntou-lhes o que tinham feito. Diante da confissão, Deus anunciou várias punições: daí em diante, as serpentes rastejariam sobre o ventre e comeriam o pó; as mulheres teriam filhos com dor e desejariam os homens, que as dominariam; os homens seriam obrigados a ganhar seu sustento com suor e fadiga, até que retornassem à terra de que tinham sido feitos. “Pois tu és pó, e ao pó tornarás.” Para impedir que eles comessem o fruto de outra das árvores especiais — a Árvore da Vida — e vivessem eternamente, Deus expulsou-os do jardim e pôs de sentinelas querubins armados, para evitar que voltassem.

Narrada no começo do Gênesis, a história de Adão e Eva vem moldando há séculos as concepções das origens e do destino do homem. Considerando o jeito que as coisas são, seria muito improvável que essa história viesse a adquirir tanto destaque. É um conto que poderia cativar a imaginação de uma criança impressionável, como eu era, mas qualquer adulto, no passado ou no presente, poderia ver facilmente as marcas da imaginação humana no que tem de mais desvairado. Um jardim mágico; um homem e uma mulher, nus, que são criados de uma forma que nunca outros seres humanos vieram ao mundo; adultos que sabem falar e agir sem a infância prolongada que é a marca por excelência de nossa espécie; uma advertência misteriosa sobre morte que nenhum ser recém-criado, como aqueles, teria como compreender; uma serpente falante; uma árvore que concede o conhecimento do bem e do mal; outra que concede vida eterna; e guardiões sobrenaturais que brandem espadas flamejantes. Isso é ficção da mais inventiva, uma história que lança mão do mais desatinado faz de conta.

Entretanto, milhões de pessoas, inclusive alguns dos espíritos mais inteligentes e brilhantes de que temos notícia, aceitaram a narrativa bíblica de Adão e Eva como uma verdade sem retoques. E, não obstante a enorme massa de dados acumulada por ciências como a geologia, a paleontologia, a antropologia e a biologia evolutiva, um número incalculável de contemporâneos nossos continua a aceitar esse conto como uma narrativa historicamente precisa da origem do universo e a se ver, literalmente, como descendentes desses primeiros seres humanos que habitaram o Jardim do Éden. Na história do mundo, poucas narrativas se mostraram tão difundidas e foram aceitas como reais com tamanha persistência.

1. Ossos isolados

Por que a história de Adão e Eva — que ocupa cerca de uma página e meia das 1078 que compõem uma edição moderna da Bíblia, sobre minha mesa — se impõe com tanta eficiência e com tanta facilidade? Nós a escutamos aos cinco ou seis anos de idade e nunca mais a esquecemos. O mais simples cartum de revista a evoca rapidamente, não em todos os detalhes, mas em seus traços essenciais. Alguma coisa na estrutura dessa história se agarra ao pensamento. Quase literalmente, ela é inesquecível.

Nos muitos séculos desde que ela existe, essa história acumulou um imenso aparato de apoio: professores a repetiram sem parar; instituições premiaram crentes e castigaram céticos; intelectuais trouxeram à tona suas nuances e propuseram interpretações divergentes de seus enigmas; pintores a representaram vividamente. No entanto, a narrativa parece, de alguma maneira, não depender dessas elaborações complexas. Ou melhor, tudo o que ela gerou parece ter recorrido a uma energia original inesgotável, como se seu âmago fosse radioativo. Adão e Eva são o epítome do poder estranho e perene da capacidade humana de contar histórias.

Por motivos que são a um só tempo fascinantes e fugidios, esses poucos versículos num livro antigo têm servido de espelho no qual parecemos vislumbrar a longa história de nossos medos e desejos. Esse conto tem sido tanto

liberador como destrutivo, um hino à responsabilidade humana e uma fábula sombria sobre a desventura humana, uma celebração da ousadia e uma incitação à misoginia violenta. É espantosa a gama de respostas que despertou num sem-número de pessoas e comunidades ao longo de milhares de anos.

Os rabinos antigos olhavam para aquele espelho e tentavam discernir as intenções de Deus: por que os homens seriam tão importantes a ponto de o Criador do universo se preocupar com eles? Afinal, por que teriam sido criados? Refletindo sobre as palavras do texto sagrado,¹ eles concluíram que a obrigação original de “cultivar a terra” não se referia ao trabalho agrícola, mas sim ao estudo, especificamente ao estudo da Torá, a que eles próprios dedicavam seus dias e que tinham na conta do mais grandioso objetivo na vida.

Os primeiros cristãos interessavam-se principalmente não pelos hábitos de estudo primordiais de Adão, e sim pela devastadora perda do Éden, motivada por sua desobediência. Ocorreu-lhes que as intenções profundas da história eram o pecado e suas consequências. Acompanharam Paulo ao ligar a realidade da morte — tormentosa, universal e inescapável — às ações dos primeiros seres humanos, atraídos ao mal por Satã. Contudo, encontravam consolo na crença que um novo Adão — Jesus Cristo — havia, através de seu sofrimento e sua morte, desfeito o dano causado pelo velho Adão. O sublime sacrifício do Messias, eles acreditavam com ardor, possibilitaria aos crentes recuperar a inocência que fora perdida e reconquistar o Paraíso.

Os exegetas muçulmanos davam menos ênfase à pecaminosidade de Adão do que ao papel que ele exerceu como o profeta original de Deus. O Alcorão, datado do século VII, assemelhava-se aos textos paleocristãos ao identificar Satã (ou Iblis) como o anjo orgulhoso e falaz que seduziu os primeiros seres humanos e os levou à desobediência. Comentaristas posteriores especificaram que o ardiloso tentador não assumiu a forma de uma serpente, mas sim a de uma fêmea de camelo,² de especial beleza. “A cauda do animal era multicolorida, vermelha, amarela, verde, branca e negra; sua crina parecia feita de pérola, o pelo lembrava o topázio, seus olhos semelhavam os planetas Vênus e Júpiter, e o animal exalava um aroma como o de mosto mesclado com âmbar-gris.” Em resultado de sua rebeldia, Adão e Eva foram expulsos do Paraíso, enquanto seus descendentes precisaram manter-se sempre vigilantes: “Ó Filhos de Adão! Não permitais nunca que Satã vos seduza, pois foi ele a causa de vossos [primeiros] pais terem sido expulsos do Jardim”. No entanto, a tradição islâmica via a trans-

gressão que provocara essa expulsão como um erro, e não como um crime atroz transmitido a toda a posteridade. Depois da expulsão, Adão assumiu seu papel como guardião da terra e mestre religioso. Tornou-se uma figura de iluminação profética, o primeiro na linhagem que levou ao Profeta supremo, Maomé, que conduziria a humanidade de volta à luz de Alá.

Ao longo da Antiguidade Tardia, da Idade Média e do Renascimento, um grande número de especialistas trouxe à luz as implicações do destino de Adão e Eva. Eles encontravam, sepultados na história, mil estímulos para se dedicar a estudos incessantes; todas as nuances do mal que cada um percebia em seu próprio coração; todo impulso penitencial para mortificar a carne e castigar o orgulho; toda ânsia de inspiração profética; todo sonho de perfeita purificação no fim dos tempos e de retorno a um êxtase oceânico. Meditando sobre as tentações da carne, ascetas estudavam os versículos em busca de indícios de condutas alternativas que os primeiros homens talvez tivessem sido destinados a reproduzir. Médicos avaliavam os possíveis benefícios de uma dieta vegetariana para a saúde, como a que nossa espécie desfrutava no Jardim. Linguistas procuravam determinar o idioma que Adão e Eva falavam e detectar seus possíveis resquícios. Naturalistas refletiam sobre o significado ecológico de um mundo perdido no qual as relações entre os homens e outros animais eram muitíssimo diferentes das nossas e no qual o ambiente se mostrava inflexível em sua generosa abundância. Entre judeus e muçulmanos, especialistas em direito religioso sondavam as implicações doutrinárias e jurídicas da história. Nas três comunidades monoteístas, filósofos debatiam seus significados éticos. E, no mundo cristão, artistas plásticos aceitavam, jubilosos, o convite para representar o corpo humano em toda a sua glória e sua vergonha.

Acima de tudo, as pessoas comuns — aquelas que tinham tomado conhecimento dessa história da forma como era contada de púlpitos, exposta em afrescos ou narrada por pais ou amigos — recorriam a ela repetidamente em busca de respostas às dúvidas que as perseguiam. Ela ajudava a explicar (ou pelo menos contribuía para que entendessem melhor) o que era mais perturbador na conjunção carnal, na tensão conjugal, na experiência de dor física e de trabalho exaustivo, na devastação da perda e do luto. Elas olhavam para Adão e Eva e, como os rabinos, os padres e os exegetas muçulmanos, apreendiam algo de importância crucial a respeito de si mesmas.

A história de Adão e Eva fala a todos nós. Trata de quem somos, de onde

viemos, por que amamos e por que sofremos. Seu vasto alcance parece ser parte de sua intenção. Embora atue como uma das pedras fundamentais de três grandes religiões mundiais, precede ou alega preceder qualquer religião em particular. Capta a estranha maneira como a nossa espécie trata o trabalho, o sexo e a morte — aspectos da existência que dividimos com todos os outros animais — como temas de especulação, como se dependessem de alguma coisa que tenhamos feito, como se tudo pudesse ter sido de outra maneira.

Nós, os seres humanos (e somente nós), diz a história, fomos feitos à imagem e semelhança do Deus que nos criou. Esse Deus nos deu domínio sobre todas as demais espécies e nos deu também outra coisa: uma proibição. Essa proibição foi dada sem explicação ou justificativa. Entretanto, no começo dos tempos, nossos ancestrais não tinham necessidade de compreender; bastava-lhes obedecer. O fato de Adão e Eva não terem obedecido, de terem transgredido a ordem expressa de Deus, causou tudo o que se seguiu na vida de todos os membros de nossa espécie, desde o fenômeno universal da vergonha até o fato universal da mortalidade.

A insistência quanto à verdade literal da história — um Adão e Eva reais num jardim verdadeiro — tornou-se uma das pedras angulares da ortodoxia cristã. Essa insistência está no âmago de minha própria fascinação com a história de Adão e Eva. Como é que uma coisa inventada se torna tão convincentemente real? Como é que uma estátua de pedra começa a respirar ou um boneco de madeira aprende a andar por si só e a dançar sem cordéis? E o que acontece quando criaturas ficcionais se comportam como se fossem vivas? Estarão destinadas, exatamente por isso, a começar a morrer?

Durante gerações, homens e mulheres devotos se esforçaram para honrar uma proposta teológica, tentando tratar o conto do homem e da mulher nus e da serpente falante como uma narrativa absolutamente fidedigna dos acontecimentos que deram início à vida como a conhecemos. Filósofos, teólogos, padres, monges e visionários, junto com poetas e pintores, contribuíram para esse gigantesco esforço coletivo. Todavia, foi somente no Renascimento — na era de Dürer, Michelangelo e Milton — que novas e brilhantes tecnologias de representação lograram enfim conferir uma convincente aura de realidade aos primeiros seres humanos e insuflar vida plena à sua história.

Essa façanha estupenda, um dos grandes triunfos da arte e da literatura, acabou tendo consequências imprevistas. Adão e Eva foram fundidos a estátuas

pagãs, de notável realismo, desencavadas por caçadores de arte nas ruínas da Grécia e de Roma. Foram examinados e julgados segundo normas aplicadas não só ao passado distante como também a contemporâneos ainda vivos. Foram comparados a multidões de homens e mulheres nus, recém-encontrados nas Américas — pessoas que pareciam estranhamente imunes à vergonha do corpo que supostamente todos os humanos posteriores à Queda sentiriam. Exatamente por parecerem tão reais agora, Adão e Eva suscitavam perguntas difíceis a respeito de aquisição da linguagem no começo dos tempos, sobre relações sexuais, sobre raças e sobre mortalidade.

A sensação de realidade renovou, de forma intensificada, as perguntas dolorosas que desde sempre pairaram em torno da história antiga de nossas origens: que espécie de Deus proibiria suas criaturas de conhecer a diferença entre o bem e o mal? Como teria sido possível àquelas criaturas obedecer sem saber disso? E o que a ameaça da morte significaria para pessoas que nunca a tinham conhecido, nem tinham como saber do que se tratava? As autoridades da Igreja e do Estado reagiam com rudeza aos céticos que insistiam em fazer essas perguntas, mas era impossível suprimir uma perturbação que tinha origem exatamente no sucesso de fazer com que os primeiros seres humanos míticos parecessem tão reais. Com o Iluminismo, multiplicaram-se as dúvidas, que já não puderam ser silenciadas. O que viria mais adiante seria o ceticismo clarividente de Spinoza, o olhar penetrante de Charles Darwin e o riso de escárnio de Mark Twain.

Em todo o mundo, muitas coleções de história natural ostentam exemplares únicos chamados holótipos,³ também conhecidos como espécimes-tipo. Os holótipos são os exemplos físicos singulares, reconhecidos oficialmente, de toda uma espécie. *Essa* criatura na vitrine diante de você no Museu de Zoologia Vertebrada da Universidade da Califórnia em Berkeley é, para todo o mundo científico, o representante designado do tritão-de-pele-grossa (*Triturus similans* Twitty); *aquele* crânio no Centre National d'Appui à La Recherche, em N'Djamena, no Chade, é o único espécime-tipo do primata extinto *Sahelanthropus tchadensis*. O trabalho de coleta e identificação desses exemplares começou no século XVIII. O espécime-tipo do lobo cinzento, *Canis lupus*, descrito em 1758 pelo grande zoólogo e botânico Lineu, encontra-se no Museu Sueco de História

Natural em Estocolmo, junto com um enorme número de outros holótipos que ele e seus alunos dedicados foram os primeiros a identificar. (Como ele baseou sua descrição num autoexame, o espécime-tipo de nossa própria espécie, *Homo sapiens*, é ninguém menos que o próprio Lineu.) O Herbário Nacional dos Estados Unidos, em Washington, abriga cerca de 110 mil holótipos de plantas. O Museu de Zoologia Vertebrada de Berkeley possui holótipos de 364 mamíferos, 174 aves e 123 répteis e anfíbios. Nas “coleções molhadas” do Museu de História Natural em Berlim encontram-se expostos inúmeros recipientes de vidro com criaturas marinhas preservadas, que flutuam em etanol. Alguns desses recipientes estão marcados com pontos vermelhos, indicativos de que contêm holótipos.

Cada holótipo foi designado como tal pela pessoa que descobriu uma nova espécie e, a seguir, deu-lhe nome e descreveu-a, de acordo com certos critérios formais, num trabalho científico. Ao publicar esse trabalho e depositar o espécime num acervo apropriado, o descobridor passa a ser considerado o “autor” da espécie. Assim, o holótipo torna-se o espécime oficial, reconhecido pela comunidade científica; cada um deles é a pedra de toque, concreta e particular, com base na qual os aspectos essenciais de toda uma espécie poderão ser descritos. Quase 2 milhões de espécies já foram assim identificados. Estima-se que existam perto de 9 milhões de espécies na Terra.

Segundo a narrativa do Gênesis, Deus levou cada animal do campo e cada ave do ar a Adão para que este lhe desse nome, mais ou menos da maneira como os cientistas atribuem nomes a seus holótipos. O texto não especifica a língua que Adão usou, quanto tempo esse processo durou ou quando ocorreu. Os comentários bíblicos postulam tradicionalmente⁴ que isso aconteceu no mesmo dia em que o homem foi criado, já que foi somente depois dessa atividade de nomenclatura que Deus criou a mulher. (Muitos comentaristas eram avessos a acreditar que Adão tenha vivido sozinho, sem uma companheira, por muito tempo.) Alguns comentaristas se perguntavam se os insetos mais nocivos poderiam ter, de uma maneira ou outra, emergido e recebido seus nomes *depois* dos seis dias da criação, em consequência do pecado do homem e não como parte do plano original. Outros se preocupavam um pouco com os peixes, uma vez que a Bíblia só menciona as criaturas da terra e do ar. “Por que os peixes não foram levados a Adão?”, indagou Alexander Ross,⁵ clérigo e cientista amador, em 1622, e em seguida passou a responder à sua própria pergunta: “Porque eles não se parecem tanto com o homem como os animais do campo; em segundo

lugar, porque não poderiam ajudar o homem tanto quanto esses animais; em terceiro lugar, porque não poderiam viver fora da água”.

Existem mais espécies no céu e na terra do que se imaginava na Bíblia. Mas quem quer que tenha criado a história, há milhares de anos, compreendeu, assim como a ciência moderna, que se pode apreender com certeza toda uma espécie por meio de um único representante. O homem do primeiro capítulo do Gênesis é, com efeito, o holótipo da humanidade. Deus foi o autor dessa criatura e o apresentou com cuidado — nu, é claro — para a terra como o espécime-tipo. Ao contemplarmos Adão, vemos tanto uma figura particular, individual, como a totalidade da espécie humana.

Em Adão, afirmou a narrativa bíblica, encontramos não só o representante como também o primeiro exemplo da espécie, o progenitor de todos aqueles que o seguiram. Também aqui as modernas coleções científicas têm o equivalente deles, não holótipos nesse caso, mas sim fósseis daqueles que são tidos como nossos progenitores. O mais famoso é conhecido como Lucy, uma mulher *Australopithecus afarensis*, que viveu há cerca de 3,2 milhões de anos e cujos ossos — várias centenas de pedaços deles — foram encontrados pelo antropólogo americano Donald Johanson na Etiópia, em 1974. Johanson e sua equipe deram ao esqueleto, de brincadeira, o nome “Lucy” por causa da música dos Beatles “Lucy in the Sky with Diamonds”, que tocava sem parar num gravador de fita que alguém levou para o acampamento.

A magia de determinado nome deu a essa ancestral imensamente distante e indireta — agora preservada no Museu Nacional da Etiópia, em Adis Abeba — seu atrativo especial. Ela tinha 1,09 metro de altura, um cérebro pequeno como o de um chimpanzé e estava muito distante dos humanos modernos, que só surgiram na África mais de 3 milhões de anos depois que sua espécie vagueou pela Terra. Entretanto, o importante é que ela não se pendurava em árvores. Em vez disso, caminhava com os dois pés. Ninguém afirma que Lucy foi a ancestral direta da humanidade, mas existem fortes evidências de que nossa espécie, *Homo sapiens*, tem uma ligação importante com Lucy. Os hominíneos, a tribo taxonômica que comprehende o homem moderno e nossos parentes extintos mais próximos, evoluíram a partir desses primatas mamíferos bípedes.

As implicações desse processo evolutivo são enormes e têm sido objeto de ardorosas contestações. No passado, pareceu possível narrar uma história simples: nós, os *Homo sapiens*, nos encontramos na ponta de um longo galho